

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial


ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES


MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO


LISBOA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA


LETRAS
LISBOA


FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA


FUNDAÇÃO
MILLENNIUM
BCP

EVOLUÇÃO DA ESTRUTURA URBANA DE SANTARÉM ENTRE OS SÉCULOS VIII E XIII: UMA ANÁLISE MACROSCÓPICA A PARTIR DA LOCALIZAÇÃO DAS NECRÓPOLES ISLÂMICAS

Marco Liberato¹, Helena Santos²

RESUMO

Como regra geral, as necrópoles muçulmanas na Península Ibérica localizam-se no exterior do espaço amuralhado, em áreas despovoadas ou com baixa densidade construtiva. A identificação em Santarém durante as últimas décadas de vários núcleos de enterramentos depositados segundo o ritual islâmico, permite realizar um ensaio preliminar em torno da evolução urbana da cidade, entre os séculos VIII e XIII.

Palavras-chave: Evolução Urbana, Necrópoles islâmicas, Santarém.

ABSTRACT

As a general rule, Muslim necropolis in the Iberian Peninsula are located outside the walls, always in areas with less constructive density. During the last decades, the identification of several burial sites organized according to the Islamic ritual, allows to carry out a preliminary essay about the urban evolution of the city of Santarém, between the VIIIth and XIIIth centuries.

Keywords: Urban Evolution, Islamic necropolis, Santarem.

INTRODUÇÃO

Quando morreu Crisóstomo, fidalgo que por amor se vestia de pastor no romance *D. Quixote de la Mancha*, logo se espalhou a notícia da sua última vontade. Entendida como algo bizarra pelas outras personagens, tinha registado no seu testamento «que o enterrassem no campo, como se fosse mouro» (Cervantes, 2015, p. 44). Passagem reveladora de que na Castela do século XVII, uma das características mais marcantes das práticas funerárias islâmicas na Península, o afastamento dos enterramentos face aos núcleos mais densamente ocupados das povoações, era recordada pela generalidade da população. De facto, os trabalhos arqueológicos das últimas décadas têm comprovado sistematicamente essa implantação topográfica tipificada. Sem pretensões de exaustividade, vejamos os exemplos de Pamplona

(Faro Carballa, Barbarena Unzu e Unzu Urmeneta, 2007-2008, p. 238), Jaén (Serrano Peña e Castillo Armenteros, 2000, p. 95), Córdova (Teresa Casal, 2003) ou, em território português, Beja (Serra, 2012) e Mértola (Macias, 2005, p.239).

Com base nessa premissa, mas integrando sempre outras fontes, quer arqueológicas quer documentais, apresentam-se algumas considerações, mais esquemáticas que modelares, sobre a evolução da paisagem urbana de Santarém, baseadas na localização e cronologia de utilização das necrópoles islâmicas da cidade.

1. A NECRÓPOLE DA ALCÁÇOVA

Durante a escavação arqueológica do sítio Avenida 5 de Outubro, n.ºs 2-8 (doravante A5O), que decorreu

1. Bolseiro de doutoramento da FCT / Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património; marcoliberato@hotmail.com

2. Investigadora Independente; lenamps@hotmail.com

entre Agosto e Novembro de 2007 e Junho e Setembro de 2008³, a estratigrafia histórica da cidade de Santarém foi registada em cerca de mil metros quadrados. O que permitiu determinar a existência de um espaço de necrópole onde todos os horizontes culturais que se sucederam entre o início da Era e o período islâmico foram enterrando os seus defuntos (Liberato, 2012) (Figura 1).

São vários os factores que contribuem para considerar que nesta necrópole foram inumados os primeiros habitantes muçulmanos da cidade. Mais concretamente, os que se instalaram no núcleo da Alcáçova, que de resto acolhia populações de origem oriental desde a Idade do Ferro (Arruda, Viegas e Almeida, 2002, p. 33). Desde logo pela sobreposição de sepulturas organizadas segundo o ritual islâmico a enterramentos romanos e alto-medievais, demonstrando a estabilidade funcional deste espaço ao longo de aproximadamente um milénio. Depois, a aparente hesitação demonstrada nalgumas inumações em torno da orientação canónica, que poderá indiciar uma cronologia pré-califal, como discutimos noutro lugar (Liberato, 2012).

A sua extensão contribui também para esta leitura, uma vez que parece demonstrar um dilatado período de utilização. Para além desta intervenção, durante o acompanhamento arqueológico da substituição de infra-estruturas de saneamento na Rua João Afonso/1º Dezembro, foram identificados mais três enterramentos, na extremidade ocidental da Rua de S. Martinho. A necrópole alcançaria mesmo o Largo de Marvila, onde no âmbito do acompanhamento arqueológico para a instalação de uma *ilha ecológica*, se referenciam novamente indivíduos inumados segundo o ritual islâmico⁴. Comprovando-se que estes três núcleos conformam uma mesma necrópole, a esta organizar-se-ia ao longo de um eixo com pelo menos cento e sessenta metros de comprimento (Figura 2).

Esta distribuição de enterramentos parece demonstrar que a cidade não se estendeu para outros pontos do planalto de Marvila até período tardo-islâmico, encontrando-se circunscrita à Alcáçova. De facto, a necrópole só terá sido desactivada entre os finais

3. Ocorreram trabalhos neste sítio em momentos diversos dos aqui registados. Todavia, nenhum dos signatários participou dos mesmos.

4. Informação oral do responsável pelos trabalhos arqueológicos desse projecto, António Matias, a quem agradecemos.

do século X e o século XII. Muito embora as realidades identificadas na escavação da A50 não se encontrem ainda totalmente sistematizadas, podemos avançar com algumas correlações estratigráficas que o demonstram (Figura 3).

Assim, a abertura do silo [1857] interceptou o enterramento [2003]. Do sedimento [1856], depositado no seu interior, foi recolhido um conjunto artefactual que podemos classificar genericamente de califal/taifa. De facto, os fragmentos de verde e manganés, embora de pequenas dimensões, parecem apresentar os círculos em óxido que definem frequentemente o corpo das representações zoomórficas dos séculos X-XI (Gómez Martínez *et.al*, no prelo). Cronologia que coincide também com outros elementos, sendo exemplo a frequência de painéis com lábio semicircular. Nas centúrias seguintes esta forma tornar-se-á amplamente minoritária, face às novas soluções com remate para-triangular (Liberato, 2011, p.32).

Outros contextos semelhantes podem ser convocados para demonstrar a mutação funcional do espaço, que seria uma realidade plenamente consumada na transição entre os séculos XI e XII. Assim, aquando da abertura das estruturas negativas [1667] e [1378] foram interceptados, respectivamente, os enterramentos [2358] e [2128].

No enchimento do primeiro, depósito [1666], foi recuperado um perfil de redoma com colo alto, com vidro de tom melado. A moldura plástica que se anuncia nesse fragmento e se encontra presente num exemplar sem revestimento proveniente do mesmo contexto, apresenta bons paralelos em Mértola, onde recebe uma datação coincidente com as centúrias mencionadas (Gómez Martínez, 2014, p. 144). Surge também em peças recuperadas na Meseta, sendo uma solução comum entre os séculos X e XIII (Retuerce Velasco, 1998, forma B).

Para o mesmo âmbito cronológico aponta o fragmento decorado com corda seca parcial recuperado no depósito [1359], que colmatava o silo [1378]. Apesar de diminuto, tem semelhanças evidentes com peças de Toledo, Badajoz ou Cuesta de la Veja, datadas do século XI, nomeadamente ao nível da pasta clara muito depurada, das cores utilizadas - verde e mel forte - e, principalmente, pela presença de pequenos traços de manganés que saem das linhas de separação do vidro e participam da composição ornamental (Déléry, 2006, pp. 1851, 1920 e 1152). Estes surgem também em recipientes de Vascos e

Albarracin, sendo que neste caso se pondera a sua produção já no século XII (Déléry, 2006, pp. 1277 e 1519). Estão presentes outras soluções formais comuns nas mesmas cronologias, como sejam as painéis de bordos triangulares, as grandes tigelas com o bordo reentrante ou a variante com espessamento do lábio. De resto, esta última forma parece anunciar uma tendência, que se afirmará posteriormente, para “modelar” a extremidade das formas abertas, solução especialmente comum durante o século XIII (Liberato, 2011, p. 34).

Por fim, refira-se novo contexto, mais tardio, o silo [1631], que destruiu parcialmente a sepultura [1985] e se encontrava colmatado com o depósito [1598]. Muito embora a presença no seu enchimento de corda seca total ou pintura a vermelho pudesse conduzir, empiricamente, a uma proposta cronológica anterior à conquista cristã, esses materiais partilham o contexto com duas metades de moedas diferentes. O estado de conservação da legenda desses numismas não permite leitura, mas correspondem, com toda a probabilidade, a dinheiros de Afonso II ou Sancho II, uma vez que a cruz do reverso não se encontra circunscrita ao interior da moldura circular, mas antes se estende praticamente até à orla (Lemos, 1983, pp. 197-201), demonstrando portanto a sua cunhagem entre 1211 e 1245. De resto, os bordos aplanados das painéis e as tigelas com o bordo muito modelado são também consonantes com um enquadramento cronológico em torno do século XIII (Figura 4).

2. OS ENTERRAMENTOS DOS FINAIS DO DOMÍNIO ISLÂMICO

Em síntese, podemos asseverar que entre os séculos X-XII a necrópole da A50 foi desactivada, sendo muito provável que a sua dessacralização tenha ocorrido ainda em período islâmico. Poderemos eventualmente relacioná-la com uma alteração urbanística estrutural. Fontes islâmicas e cristãs coincidem no registo de uma grande campanha de construção de fortificações pelo poder almorávida, em data anterior a 1143. Terão sido certamente erigidas junto da área onde actualmente se encontra a igreja e a torre de Alporão, sendo verosímil que este elemento defensivo corresponda à materialização dessas notícias documentais (Liberato, 2012).

Assim, edificada uma nova muralha que passou a envolver a necrópole que vem sendo referida, se-

guramente que os enterramentos terão continuado numa nova área extramuros. Poder-se-ia equacionar que os enterramentos da Rua de S. Martinho e do Largo de Marvila, já mencionados, correspondessem à deslocação da necrópole para a frente da linha defensiva almorávida. No entanto, as descrições da incursão almóada de 1184 são unânimes ao referir a estruturação de um arrabalde nesta área (Liberato, 2012), que terá mesmo sido identificado nas intervenções arqueológicas no âmbito do projecto de requalificação das Ruas João Afonso / 1^o de Dezembro. Informação que infelizmente ainda não pôde ser sistematizada e que permanece inédita.

Pelo que outros dois núcleos de enterramentos islâmicos, localizados bastante mais distantes de Alporão, parecem ser o registo material deste processo de deslocalização dos espaços de necrópole da comunidade muçulmana, presumivelmente ocorrido em torno do século XI. Um foi identificado na Rua das Capuchas, enquanto outro se localizava na Rua Capelo Ivens / Travessa do Froes. Dada a distância entre eles – perto de quinhentos metros - estaremos certamente a tratar com dois cemitérios diferentes, embora eventualmente contemporâneos, o que não é inédito no universo urbano peninsular. Mau grado a diferença de escala, tomemos o exemplo de Córdova, que chegou a ser servida por dezassete destes equipamentos (Teresa Casal, 2003, p. 157) (Figura 5). Relativamente ao primeiro local, foi registada novamente uma sobreposição de silos ao cemitério, do qual se identificaram cinco sepulturas. Do interior do silo 5 foi recuperado um conjunto artefactual datável dos finais do século XIV ou inícios da centúria seguinte (Boavida, Casimiro e Silva, 2013, p. 943), demonstrando a desactivação do necrotério em época anterior.

No caso da Rua Capelo Ivens, durante o acompanhamento arqueológico de uma empreitada de requalificação imobiliária, foi possível registar evoluções funcionais diferenciadas no espaço intervencionado, pelo menos até aos finais da Idade Média. Assim, na área Nordeste do espaço verificou-se que a necrópole foi pouco perturbada. De época anterior à densificação construtiva centrada na Idade Moderna, registaram-se somente estruturas que sugerem uma gestão de caudais de água. Poderão estar relacionadas com uma eventual adscrição desta área a actividades agrícolas e/ou como espaços de circulação. A estratigrafia subjacente, com a presença de camadas de sedimentos comparativamente espessas, cromática

e granulometricamente semelhantes a *terra rossa*, embalando escassos materiais arqueológicos, parece de facto apoiar a tese de estarmos perante um espaço que foi pouco antropizado até ao século XVI. Como nota, uma vez que tentaremos voltar a este assunto de forma mais detalhada, nesta área foi identificada uma incineração em urna, verosivelmente de época romana⁵, sob os enterramentos islâmicos.

Já a construção de um compartimento que atingiu a rocha-base na área mais a Oeste, a par de outras actividades como a abertura de estruturas negativas para colocação de talhas, comprometeu bastante a conservação da necrópole islâmica neste sector. Um desses contentores cerâmicos, ainda *in situ*, encontrava-se colmatado com sedimentos que embalavam materiais dos finais do século XV, inícios do século XVI, assinalando um *terminus ante quem* para esse processo de urbanização, eventualmente dinamizado entre os séculos XIV-XV. Diacronia que só poderá ser afinada com uma atenta sistematização de todas as correlações estratigráficas, tarefa que ainda não foi terminada.

Muito embora seja cedo para firmar conclusões, visto que carecemos de mais dados, nomeadamente de análises de sedimentos e, eventualmente, de algum enquadramento documental que possa escorar esta interpretação, algumas das sepulturas islâmicas aqui localizadas parecem mesmo ter sido sujeitas a algum “processo de higienização”, eventualmente contemporâneo da densificação da malha urbana durante a Baixa Idade Média (Figura 6).

Os exemplos mais evidentes dessa acção correspondem a dois contextos que, apesar de no momento da escavação já não alojarem qualquer vestígio de enterramentos, eram formalmente semelhantes aos covachos das restantes sepulturas e tinham a mesma orientação cardeal. Assim, a interface [319] encontrava-se preenchida pelo depósito [318], que parece ter sido queimado *in situ* e se caracterizava por ser solto, de tom muito negro, sendo composto essencialmente por carvões. Muito semelhante àquela realidade, identificou-se também a interface [316], com uma colmatção em tudo idêntica à anterior, sendo possível observar que as suas pare-

5. Neste momento, uma eventual necrópole romana neste local parece ter duas explicações possíveis. Pode estar relacionada com uma ocupação peri-urbana ainda não identificada ou sinalizar a existência de uma via com origem na Alcáçova, ao longo da qual se foram organizando as inumações.

des, bem como a base, estiveram expostas a fogo. Verificou-se ainda ter sido interceptada por uma outra interface, de pequeno diâmetro e planta circular, nomeada [317], que parecia ser o negativo de uma estaca. Assinale-se, no entanto, que estas putativas sepulturas foram intervencionadas apenas na área necessária para a implantação das vigas, pelo que não se recuperou a sua planta integral. Registe-se ainda que o abandono da necrópole será anterior a este curioso processo de incineração de algumas fossas funerárias (Figura 7).

As sepulturas [344] e [434] encontravam-se sob a estrutura em alvenaria [350], que corresponde ao bocal de um silo. Fica assim demonstrado que a construção, bem como o abandono dessa estrutura negativa, se desenrolaram em momentos em que o necrotério já estava desactivado. Os sedimentos recuperados no seu interior embalavam materiais que nos parecem enquadráveis no século XIII. No caso do depósito [348], mesmo a ocorrência de pintura a branco, muitas vezes acriticamente associada a cronologias islâmicas, aponta nesse sentido. De facto, surge praticamente restrita a formas relacionadas com o consumo de líquidos e em percentagens mínimas – em cerca de 2% dos fragmentos cerâmicos – tendências características do período pós-islâmico (Liberato, 2011, pp. 86). A diversidade de perfis dos bordos das painéis, com a solução aplanada a ser já bastante frequente, bem como a ocorrência de tigelas com lábios modelados ou dos testos com bordo triangular vertical, ajudam a reforçar esse âmbito cronológico (Liberato, 2011, pp. 77-81) (Figura 8).

Por fim, a presença de moedas, mau grado não permitirem leitura, convida também a enquadrar a formação deste depósito num momento posterior à conquista da cidade por D. Afonso Henriques. Novamente, o abandono destas necrópoles e a relocalização dos enterramentos islâmicos, estarão relacionados com a construção de mais um elemento defensivo.

3. O CEMITÉRIO DOS MOUROS FORROS

De facto, a incursão almóada de 1184 terá ameaçado perigosamente a cidade, afirmando as crónicas muçulmanas que só foi detida, *in extremis*, junto das muralhas da Alcáçova (Liberato, 2012). Certamente como resposta a esses acontecimentos e precavendo a eventualidade de novo ataque, D. Sancho I inicia rapidamente a construção de uma nova linha de

muralhas. Em 1191 surge a primeira referência documental ao «muro de Marvila», seguindo-se em 1218 a menção à porta de Atamarma e, em 1232, às portas de Manços (Viana, 2007, p.67-69).

Esta sucessão de notícias estabelece o período de construção, bem como o esboço do seu trajecto, revelando que a cintura já rodeava todo o sector Norte e Oeste da cidade na primeira metade do século XIII, sendo expectável que se desenvolvesse, *grosso modo*, de acordo com a configuração proposta por Mário Cardoso (Cardoso, 2001, p. 206). Como avançamos noutra local, esta construção teria como objectivo primordial impedir a circulação de máquinas de guerra no planalto de Marvila e não tanto proteger uma área densamente povoada (Liberato, 2012). De resto, sucedem-se ao longo do século XIII referências documentais a espaços vazios de construções no seu interior (Beirante, 1980, p.73) e a estratigrafia do sector NE da intervenção na Rua Capelo Ivens, como já avançamos, parece de facto comprovar arqueologicamente que, pelo menos até à Idade Moderna, existiam parcelas não edificadas no seu perímetro.

No entanto, terá como que nobilitado o novo espaço intramuros, precipitando novamente a deslocalização das necrópoles muçulmanas. Nesta perspectiva, as inumações islâmicas identificadas no Largo Cândido dos Reis, que se desenvolviam pelo menos ao longo de um hectare (Matias, 2009, p.639), corresponderão certamente ao necrotério dos mouros forros (Figura 9). As dimensões mencionadas e esta atribuição cronológica não colidem. De facto, podem corresponder a mais de dois séculos e meio de inumações, uma vez que é segura a presença da minoria islâmica em Santarém na segunda metade do século XV (Barros, 2004).

BIBLIOGRAFIA

ARRUDA, Ana Margarida; VIEGAS, Catarina; ALMEIDA, Maria José de (2002) – *De Scallabis a Santarém*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.

BARROS, Maria Filomena Lopes de (2004) – «Os mouros de Santarém. A comuna e os espaços» in *Santarém e o Magreb: encontro secular (970-1578): catálogo da exposição / Museu Municipal de Santarém*, Santarém, Câmara Municipal de Santarém, pp. 61-67.

BOAVIDA, Carlos; CASIMIRO, Tânia e SILVA, Telmo (2013) – «Silos medievais da Travessa das Capuchas (Santarém): estruturas e cultura material», *Arqueologia em Portugal*

– 150 Anos, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 937-945.

CERVANTES, Miguel de (2015) – *Dom Quixote de la Mancha*, Publicações D. Quixote.

CARDOSO, Mário de Sousa (2003) – *As muralhas de Santarém. Enquadramento histórico-arqueológico*, Santarém: Câmara Municipal de Santarém.

DÉLÉRY, Claire (2006) – *Dynamiques économiques, sociales et culturelles d'al-Andalus à partir d'une étude de la céramique de cuerda seca (seconde moitié du X e siècle-première moitié du XIII e siècle)*, tese de doutoramento em História apresentada à Université Toulouse II – Le Mirail.

FARO CARBALLA, José Antonio; BARBARENA UNZU, María García e UNZU URMENETA, Mercedes (2007-2008) – «Pamplona y el Islam. Nuevos testimonios arqueológicos». *Trabajos de Arqueologia Navarra*, n.º 20, pp. 229-284.

GÓMEZ MARTINEZ, Susana, *et al.*, (no prelo) – «El verde y morado en el extremo occidental de al-Andalus (siglos X al XII)» in *Actas do XI Congresso da Association Internationale pour l'Etude des Céramiques Médiévales et Modernes en Méditerranée*.

GÓMEZ MARTINEZ, Susana (2014) – *Cerâmica islâmica de Mértola. Museu de Mértola*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.

LE MOS, Paulo A.F. de (1981 – 1983) – «Moedas dos primeiros reis. Evolução dos seus tipos.», *Numus*, 2ª série, volume IV-VI, Porto, Sociedade Portuguesa de Numismática, pp. 197-202.

LIBERATO, Marco (2011) – *A cerâmica pintada a branco na Santarém Medieval. Uma abordagem diacrónica: séculos XI a XVI*, dissertação de mestrado em Arqueologia, Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa.

LIBERATO, Marco (2012) – «Novos dados sobre a paisagem urbana da Santarém medieval (séculos V-XII): a necrópole visigoda e islâmica de Alporão». *Medievalista* [Em linha], N.º11. [Consultado 12.06.2017].

MACIAS, Santiago (2005) – *Mértola. O último porto do Mediterrâneo*. 3 volumes. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.

MATIAS, António José (2009) – «Culturas distintas, um mesmo espaço. O Largo Cândido dos Reis na caracterização de gestos quotidianos e rituais funerários de Santarém medieval» in *Actas do 6º Encontro de Arqueologia do Algarve: "O Gharb no al-Andalus: síntesis e perspectivas de estudo. Homenagem a José Luís de Matos (Silves 23, 24 e 25 de Outubro 2008)*, *Xelb*, n.º 9, pp. 637-654.

RETUERCE VELASCO, Manuel (1998) – *La cerâmica andalusí de la Meseta*. Tomo II. Madrid: NRT Ediciones.

SERRA, Miguel (2012) – «Análise arqueológica da necrópole islâmica de Beja». *Arqueologia Medieval*, n.º 12, pp. 235-245.

SERRANO PEÑA, José Luis e CASTILLO ARMENTEROS, Juan Carlos (2000) – «Las necrópolis medievales de Marroquíes Bajos, (Jaén). Avance de las investigaciones arqueológicas». *Historia e Arqueologia Medieval*, n.º 7, pp. 93-120.

TERESA CASAL, Maria (2003) – «Los cementerios musulmanes de Qurtuba». *Arqueologia Cordobesa*, n.º 9, Cordoba: Servicio de Publicaciones Universidad de Córdoba / Delegación de Cultura Deputación de Córdoba.

VIANA, Mário (2007) – *Espaço e povoamento numa vila portuguesa. (Santarém 1147 – 1350)*, Casal de Cambra / Lisboa, Caleidoscópio / Centro de História da Universidade de Lisboa.

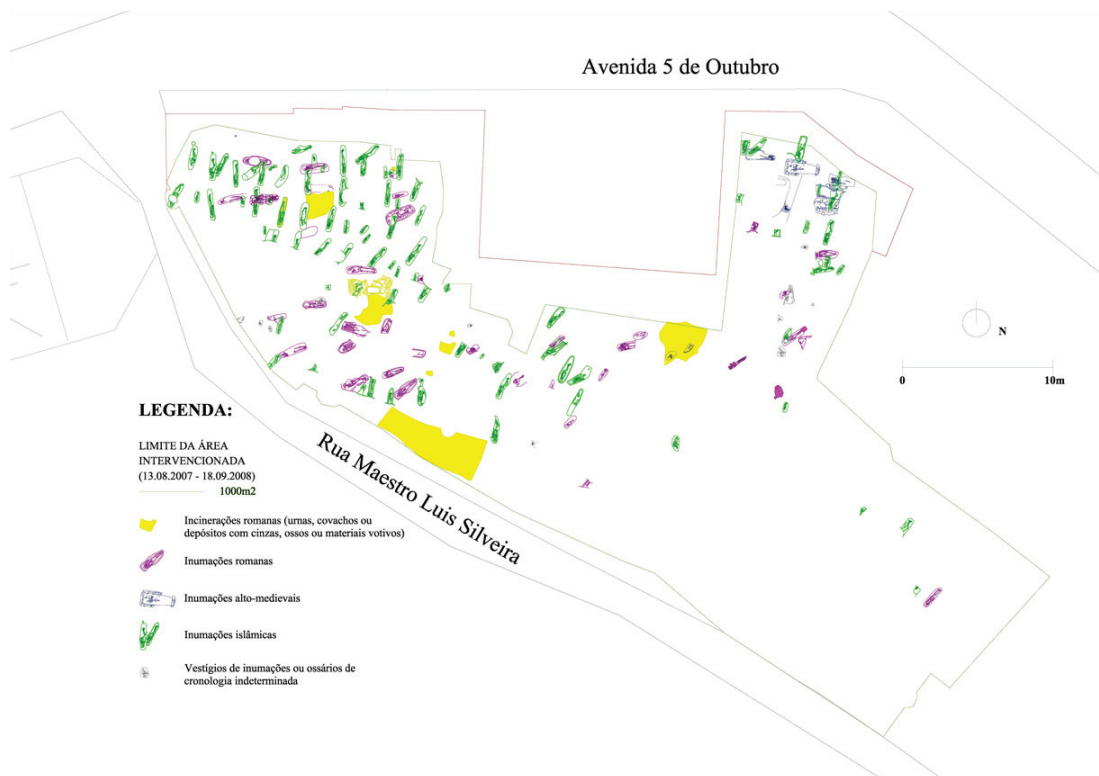


Figura 1 – Planta dos contextos funerários identificados na Avenida Cinco de Outubro, n.ºs 2 a 8.



Figura 2 – Representação esquemática da relação espacial entre espaços muralhados e necrópoles (século VIII – século XI).



Figura 3 – Exemplo de sobreposição de estrutura negativa tipo silo à necrópole.

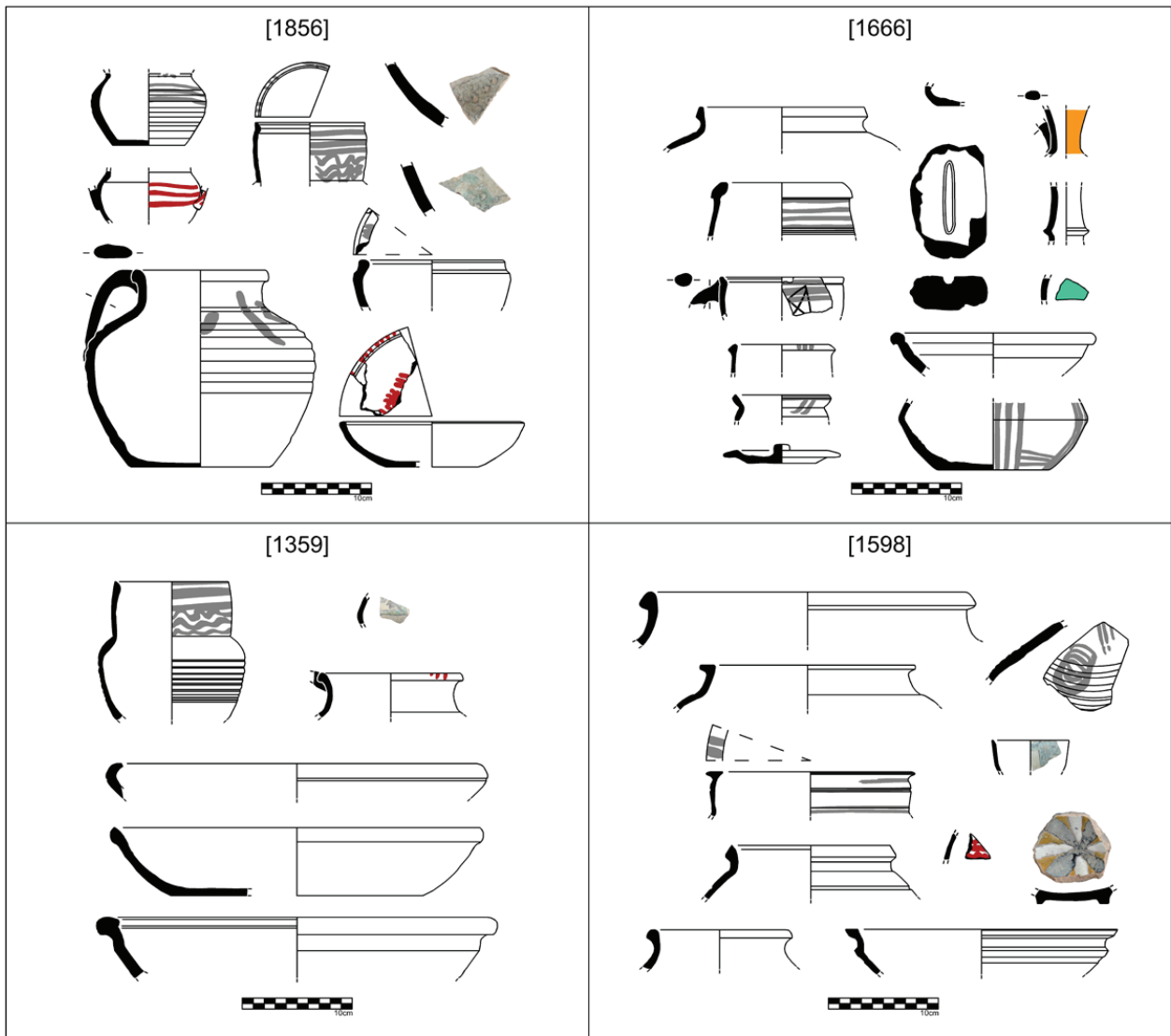


Figura 4 – Materiais cerâmicos de contextos que interceptaram sepulturas.



Figura 5 – Representação esquemática da relação espacial entre espaços muralhados e necrópoles (Finais do século XI – finais do século XII).



Figura 6 – Matéria orgânica incinerada no interior de eventual sepultura.

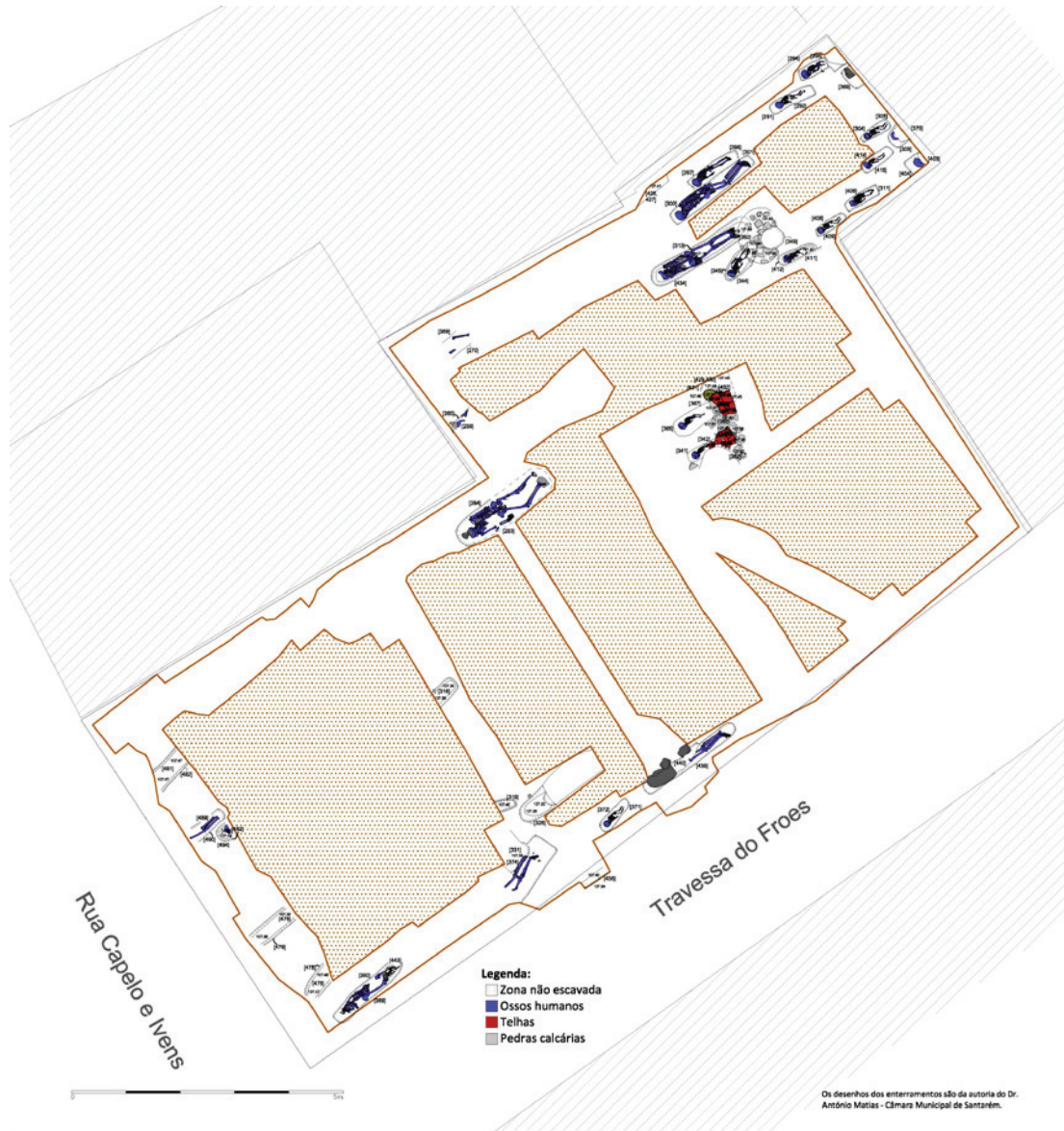


Figura 7 – Planta dos contextos funerários identificados na Rua Capelo e Ivens / Travessa do Froes.

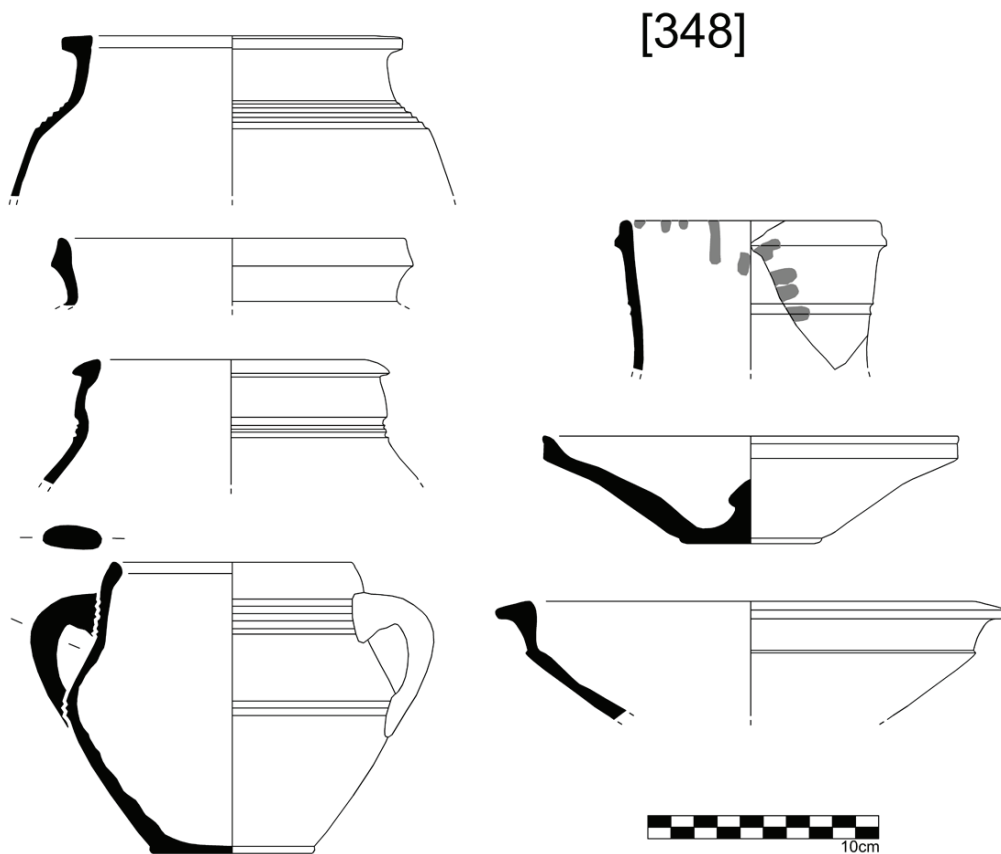
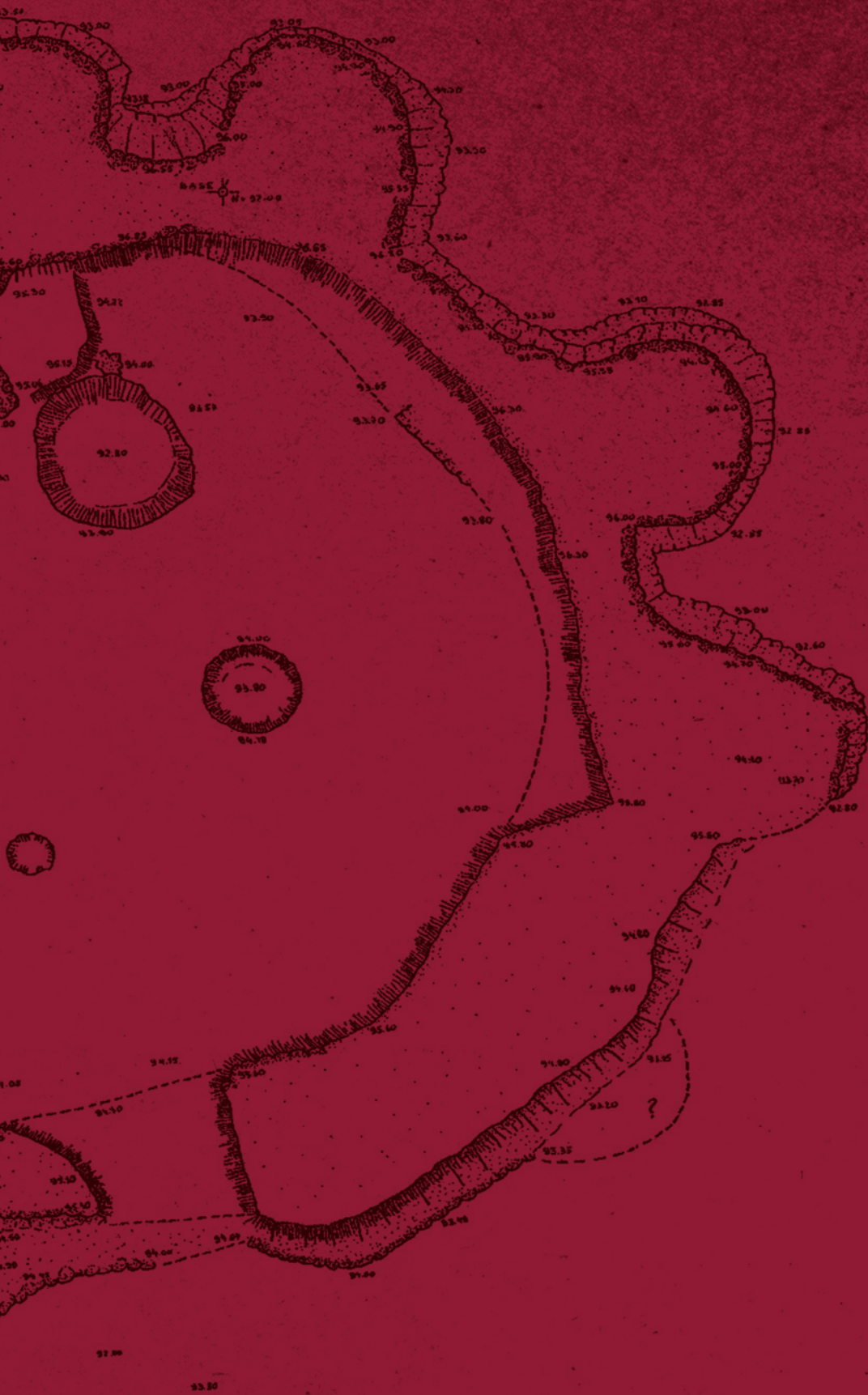


Figura 8 – Materiais cerâmicos recuperados no interior do silo [349].



Figura 9 – Representação esquemática da relação espacial entre espaços muralhados e necrópoles (Século XIII – finais do século XV).



Patrocinador oficial